Revista Mundo Acadêmico

1. outubro/2023, n. 02 , n. p. -157

**O DESENHO INFANTIL NA AVALIAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA**

**CHILDREN'S DRAWING IN PSYCHOPEDAGOGICAL ASSESSMENT**

***Alessandra Monteiro dos Reis Barbosa[[1]](#footnote-1) & Luisa Ribeiro Baroni[[2]](#footnote-2)***

 **UNIRJ / UFRRJ / UNIGAMA**

******

RESUMO

O desenho é uma das formas mais antigas de comunicação, passando por vários momentos da história e evoluído junto com a humanidade, podendo ser avaliada por meio do estilo empregado, formas e tamanhos, intensidades dos traços e cores. A análise do desenho pode ser feita em obras históricas ou em artes feitas por crianças na sua carteira, na sala de aula, ou no chão do seu quarto. No caso da arte feita por uma criança, todo o conjunto deve ser considerado a fim de se chegar a um diagnóstico, pois, ali se pode apresentar pistas para possíveis problemas pelos quais aquele indivíduo passa. Com isso, este artigo tem como finalidade abordar as faces das análises realizadas por profissionais psicopedagogos com base em desenhos realizados por indivíduos com idade infantil em período escolar. O presente artigo será desenvolvido de forma exploratória, identificando as singularidades do desenho e do indivíduo, observando as suas características e desenvolvimento desde a escolha do papel até o ato de colorir, e, por fim, fazendo um percurso do passo a passo da avaliação a ser realizada.

**Palavras-chave:** Desenho Infantil; Avaliação; Psicopedagogia.

ABSTRACT

Drawing is one of the oldest forms of communication, going through various moments in history and evolving along with humanity, and can be evaluated through the style used, shapes and sizes, intensities of strokes and colors. Drawing analysis can be done on historical works or on art made by children at their desk, in the classroom, or on the floor of their room. In the case of art made by a child, the entire set must be considered in order to reach a diagnosis, as clues can be presented to possible problems that that individual is experiencing.

Therefore, this article aims to address the aspects of the analyzes carried out by professional psycho-pedagogues based on drawings made by individuals of childhood age during school years. This article will be developed in an exploratory way, identifying the singularities of the drawing and the individual, observing their characteristics and development from the choice of paper to the act of coloring, and, finally, taking a step-by-step approach to the evaluation of to be fulfilled.

**Keywords**: Childish drawing; Assessment; Psychopedagogy.

1. INTRODUÇÃO

Com o passar do tempo e a evolução dos seres vivos, muitas espécies precisaram desenvolver inúmeros mecanismos para sobreviver no ambiente em que viviam, contudo uma espécie, em especial, além de criar meios de sobrevivência para sobrepor sua inferioridade física, evoluiu o órgão responsável pela sua ascensão, o cérebro, grande responsável pelo raciocínio lógico, como também pela criatividade.

Ao longo da evolução do que se chama *homo sapiens* ou, simplesmente, de humanos, uma expressão criativa foi desenvolvida, o *desenho*. Suas aparições podem ser identificadas e observadas em locais que atualmente são sítios arqueológicos, mas que inicialmente serviam como abrigo e moradia, mostrando seus hábitos, crenças, o início do que hoje chamamos de sociedade e as pinturas rupestres. Nesses desenhos conhecidos como pinturas rupestres, pode se identificar a expressão de sentimentos como medo de predadores, da noite, do desconhecido, ou, simplesmente, a reprodução do rito da caça, ou do rito religioso. O desenho em si, pode ser considerado como a primeira forma de comunicação que precedeu a escrita como a conhecemos hoje, podendo ser colocada nela uma grande carga de emoção e de sentimentos de inúmeras naturezas, traduzidos pelos traços, cores e estilo que são “absorvidos” pelos olhos e enviados como descargas elétricas para que sejam interpretados pelo cérebro.

No antigo Egito, pode-se ver o emprego de desenhos em forma de hieróglifos que formam um vocabulário extenso de difícil compreensão e que era usado principalmente por sacerdotes, com a finalidade de eternizar passagens e personagens históricas, além da propagação religiosa que era muito presente na cultura egípcia. Outra característica era a classe social daqueles que usavam e/ou eram representados nesse estilo egípcio, que, em quase todos os casos, eram pessoas de famílias nobres. Na Europa, ocorreu um momento exponencial e especial do desenho em forma de pinturas em monumentos e/ou simplesmente em telas.

O foco principal dessa linguagem neste período, na Europa era o tema religioso (católico) e que tinha como objetivo dar uma “aparência” humana a Deus sem tirar sua divindade e o colocando no centro da existência. Ainda, na Europa, pode-se ver, em vários momentos, um movimento de metamorfose contínuo, passando por períodos icônicos como a Idade Média, o Movimento Renascentista, o Período do Modernismo e evoluindo em paralelo com o ser humano. Por ser uma fonte fértil, abundante e inesgotável para a exposição de sentimentos e de ideias, o *desenho* se tornou uma ferramenta de grande importância na psicanálise para a interpretação psiquiátrica e psicológica do indivíduo, assim como sua personalidade e seu estado emocional que podem ser camuflados por outros problemas. Essa forma de uso do desenho se dá na interpretação clínica, durante a identificação de distúrbios que podem estar escondidos, afetando o indivíduo desde uma depressão e até mesmo um transtorno de personalidade antissocial que pode ser desenvolvido na infância.

O uso do desenho para a avaliação de crianças tem como objetivo a identificação e interpretação do que acontece a sua volta, em sua vida. Por se tratar de desenhos de difícil interpretação e boa parte “fantástico”, revelam todo sentimento, toda vontade, a análise deve ser realizada com todo cuidado, atenta aos mínimos detalhes, pois, assim, o acompanhamento e decisão pelo tratamento adequado deverá ser o mais eficiente e eficaz.

Para a avaliação adequada do indivíduo e do material por ele gerado, o profissional psicopedagogo deve conhecer e aplicar mecanismos interpretativos e avaliativos a fim de identificar e diagnosticar os eventuais problemas sofridos pela criança, e, assim, determinar quais os métodos deverão ser usados. Com isso, será abordada qual a avaliação do psicopedagogo em relação ao desenho e à criança como forma de comunicação. Em seguida, será abordada como a evolução da produção gráfica se desenvolve, bem como suas características. Por fim, será observado o modo o qual o desenho é utilizado como instrumento de análise, junto é claro, ao acompanhamento próximo à criança, com a finalidade de conhecer o indivíduo e qual a sua história de vida, e assim chegar a um diagnóstico e a uma escolha de abordagem adequada.

1. **OBJETIVO**

Este artigo tem como objetivo identificar e ressaltar a importância do *desenho* dentro da avaliação psicopedagógica.

1. **METODOLOGIA**

Para este estudo, optou-se por um levantamento bibliográfico incluindo livros e artigos científicos cujo tema envolve letramento. Asumiram-se, como arcabouço, Bédard (2013) e Guillén (2014).

1. **RESULTADO**

Entende-se que o *desenho* proporciona uma abordagem menos impactante e danosa ao paciente, porém com grande retorno de dados que podem gerar um diagnóstico mais assertivo e de amplo espectro dando um leque de escolhas para o tratamento e abordagem.

**5**. **O DESENHO NA VISÃO PSICOPEDAGOGICA**

O profissional psicopedagogo é responsável por avaliar e identificar possíveis problemas de aprendizado em indivíduos que ainda estão em período escolar, independente do nível de escolarização em que se encontra. O psicopedagogo tem como atribuição identificar problemas existentes, sejam eles aparentes ou não, e, até mesmo, interagir quando não há problema algum, assim agindo de forma a prevenir possíveis desvios futuros que possam atingir o indivíduo. Esse profissional realiza atividades em instituições de ensino acerca da relação entre professores e processos de ensino, alunos e processos de ensino, podendo interagir diretamente com os alunos e atividades em forma de sessões a fim de focar no problema individual de cada aluno caso seja necessário.

O psicopedagogo é responsável por avaliar o indivíduo com ferramentas oriundas da psicologia, dentre essas ferramentas se encontra a análise do desenho realizado. Guillén (2014, p. 12) aponta que o psicopedagogo deve observar vários aspectos no *desenho* tais como sua fase de desenvolvimento, percepção visual, oralidade, expressão, reprodução, criatividade, traço de subjetividade e psicopatologia. Ainda, segundo Guillén (2014, p. 13), os aspectos expressivos devem ser analisados, observando sua proporção em relação ao tamanho. O profissional deve avaliar acerca de outras projeções observadas no desenho, assim como os aspectos de conteúdo do desenho analisando a sequência das figuras, proporção entre os desenhos, posição espacial, sua transparência, cenários cabalistas, formas grotescas, formas indefinidas ou pela metade. Guillén (2014, p. 40) diz que o psicopedagogo deve interpretar os aspectos de como o indivíduo enxerga a forma humana e também sua autoimagem (seus membros e órgão), incluindo suas vestes e, também, quando o mesmo desenha personagens sem suas roupas. Dentro dessas avaliações, o profissional não fica às margens desses aspectos em forma geométrica e humana, mas também sobre todo o universo transportado para o papel pela criança. Guillén (2014, p. 49) mostra que os desenhos de casas e suas características, árvores, seus formatos e o uso das cores podem determinar o estado emocional do indivíduo e seu posicionamento perante a sociedade e sua família, família essa que deve ser observada conforme posto em formato de desenho pela criança. Consoante Oliveira (2014) citado por Bertão e Guimarães (2017, p. 4) entende-se que a psicopedagogia busca ensinar a aprender por meio de diagnóstico, investigação e intervenção, avaliando o indivíduo como um todo, devendo se ater a todos os sinais de que algo pode não estar certo. O profissional tem como objetivo realizar a melhoria contínua do aprendizado e bem-estar do indivíduo, sendo assim pode-se afirmar que o mesmo é uma engrenagem fundamental no processo educacional.

**5.1.** **O Desenho como Forma de Comunicação**

O *desenho* é a forma mais antiga de comunicação e está entranhada no subconsciente humano, tanto que, torna-se a forma mais genuína de comunicação das crianças. Para muitos, principalmente para os adultos, os traços iniciais (rabiscos) não dizem nada e possuem pouco valor, não tendo a atenção necessária, mas aos poucos aquele “caos” começa a se organizar, a ganhar formas e sentido, sentido esse, que pode ser positivo e/ou negativo, levando em consideração o ambiente ao qual a criança é exposta e em que vive.

Conforme Bérdard (1998, p. 6) “*O desenho representa, em parte, a mente consciente, mas também, e de maneira mais importante, faz referência ao inconsciente*”. Ainda, segundo Bérdard (1998, p. 6) “*Não devemos esquece-nos de que o que interessa é o simbolismo e as mensagens que o desenho os transmite, não sua perfeição estética*.”.

O indivíduo é exposto ao desenho desde muito cedo, tão logo, tal atividade se torna algo diário, corriqueiro, comum em sua vida, assim como o uso das ferramentas para a realização e elaboração do desenho. O tipo de lápis e de papel influenciam o desenvolvimento crítico e também o desenvolvimento de preferências pessoais e sentimentos. Com isso, pode-se identificar traços de um indivíduo observando suas ferramentas e como as usa. Nesse sentido, pode-se ler em Bérdard (1998).

Quando pomos alguém a desenhar, o elemento primordial ou a primeira ferramenta que se deve ter em conta é o lápis.É aconselhável ter disponíveis lápis de ponta fina, média e grossa. O fato de que a pessoa escolha um lápis ou outro já nos proporcionará algumas indicações sobre seu caráter.

A preferência por tipos de pontas ou até mesmo por tipos de lápis e/ou cera pode identificar a personalidade e o caráter do indivíduo, observando, também, a forma como é usado. Para Bérdard (1998),

Escolher um lápis de ponta fina é sinal de que o indivíduo prefere o conforto e o luxo, que procura a companhia de pessoas de destaque, ainda que possa ter dificuldades de auto-afirmação. Quem escolhe um lápis de ponta mediana costuma ter qualidades de adaptação e flexibilidade. Sua filosofia é a do “viva e deixe viver”. A escolha do lápis de ponta grossa denota um caráter que busca continuamente segurar o touro pelos chifres. É o tipo de pessoa que, uma vez tomada uma decisão, não muda facilmente de idéia.

Ainda, observando as inclinações aos gostos pessoais e ao desenvolvimento, é identificado que traços adquiridos ainda na infância são relevantes e, ao crescer, a criança mantém suas preferências, porém as refinando, como se pode ler em Bérdard (1998).

A criança que, ao crescer, continua preferindo a aquarela, ou os lápis de cera, demonstra um potencial e uma inclinação pelas atividades manuais e físicas. Agrada-lhe o que suas mãos transmitem ao papel. Concede mais importância ao que ocorre na ponta dos seus dedos do que ao que se passa na sua cabeça. E o que quer é ver resultados concretos. Em sentido contrário, a criança que prefere o lápis de madeira, sempre bem apontado, dá mais importância à reflexão. Suas tendências levam-na até buscar mais intelectuais e mais racionais, que correspondam as suas aspirações.

Assim como o lápis de madeira e/ou de cera, o papel que serve como tela para o desenho também pode apontar quais características e traços esse indivíduo carrega. Segundo Bérdard (1998, p. 11) “*O formato do papel tem tanta importância como a escolha do lápis. Deveríamos ter disponíveis folhas de diferentes formatos, pois a escolha da criança revelar-nos-á como ela se situa no ambiente*.”A escolha das dimensões do papel pode indicar várias características do indivíduo, desde sua interação social (definindo e delimitando seu espaço “*territorial*”) até mesmo podendo indicar como se encontra sua auto confiança.

Se escolher um formato pequeno, estará indicando uma certa capacidade de introversão e de concentração. É uma criança que não procura ocupar todo o lugar disponível, talvez por falta de confiança em si mesmo ou simplesmente porque suas necessidades são limitadas, fáceis de satisfazer. Os traços que a criança fizer sobre a folha. Se o desenho estiver mal definido, quer dizer, se os traços forem fracos, superficiais ou com pouca pressão, poderemos perceber neles uma falta de confiança, que se traduzirá em certa vacilação dos seus movimentos.

Um desenho realizado numa folha de formato médio, mostrará uma criança adaptável e flexível. É uma criança que sabe ocupar seu lugar no grupo, ao mesmo tempo respeitando os demais.

Ainda segundo Bérdard (1998, p. 11), “*De outro modo, a criança que escolhe o papel grande, acredita ser capaz de realizar coisas importantes socialmente. É agradável a ela se ver rodeada pelos demais e não desfruta em absoluto da solidão*.”

Além do tamanho, a textura do papel pode indicar características da personalidade do indivíduo. Aliado a isso, pode-se considerar as posturas corporais. Durante o desenvolvimento do ato de desenhar, as posturas corporais podem descrever, de forma clara e sem palavras, quais os sentimentos e/ou condições estão sendo derramados, tracejados no papel. A respeito, tem-se em Bérdard (1998):

O fato de inclinar-se sobre uma folha de papel brilhante nem sempre é uma indicação de que existam segredos. Antes de tirarmos conclusões, devemos sempre agir com certa prudência. Talvez, por qualquer motivo, a criança tenha desenvolvido uma atitude de desconfiança em direção aos demais. Se, durante o passado, aproveitaram-se dela, manipulando-a ou a influenciando negativamente, talvez sua presente reação seja justificada.

Conforme Bérdard (1998), “*Quanto à espessura da folha, em geral, um papel bem mais grosso representa o conforto. Não se deve esquecer que ainda que seja o lápis o que desenha e que passeia pelo papel, também a mão apoia-se sobre o referido papel. Não devemos desprezar uma boa almofada para as mãos*”. Ainda segundo Bérdard (1998, p. 13), esse tipo de atitude pode mostrar uma característica mais acomodada ou preguiçosa da criança ou até mesmo algo que a mime e afague dando- lhe um conforto.

Assim como a escolha do lápis, a escolha do papel demonstra o estado emocional do indivíduo e o seu interior, indo de uma criança espontânea a uma criança sensível. Bérdard (1998) assegura que:

A escolha de um papel fino (deste que se enruga facilmente) descobre uma alma com certa sensibilidade, aquela onde a emotividade ocupa um papel predominante. A criança que se vê como um ser romântico, talvez poeta, quem sabe, talvez seja tão “enrugável” como o papel fino.

(BÉRDARD, 1998, p. 14)

Assim como um artista, a criança encara seu desenho de forma crítica e nem sempre sua reação é previsível, pois ali, quase sempre, estará inundado de sentimentos, sejam eles agradáveis ou não, mas que mostram a profundidade de seus sentimentos e personalidade.

Como dito anteriormente, a postura corporal pode nos dizer o que as palavras ou o silêncio tentam esconder, assim como sua reação antes, durante e pós *desenho*.

As cores, posturas, sons, escolha de materiais e reação indicam características comportamentais, em certo ponto, reveladoras.

Segundo Bérdard (1998, p. 15), reações, movimentos e interações são reveladores do estado anímico, independente de qual seja. Segundo o autor, todo o gestual pode remeter a inúmeras situações vividas pela criança, por exemplo, quando a mesma apaga os traços que não são de seu agrado em um desenho anteriormente já iniciado, indicando a vivência de um momento desagradável e nada confortável, como se ela tenta-se apagá-las mesmo que inconscientemente.

Os traços podem mostrar a animosidade, o humor do indivíduo como antes falado e, conforme Bérdard (1998, p. 15), os riscados indiscriminados mostram uma agressividade oriunda de um determinado evento vivido pelo indivíduo que deságua seus sentimentos no papel extravasando todo o ressentimento e/ou indignação vivida. Assim como a firmeza em rejeitar, jogar o desenho, atirando-o no local onde ficam guardados, mostrando sua determinação e deixando isso explícito.

Um sinal muito importante demonstrado durante a realização do *desenho* são os sons emitidos pela criança como “dialogar” sozinha, cantarolar ou, até mesmo, a falta desse tipo de ação. Segundo Bérdard (1998, p. 16), essas interações durante a realização do *desenho* mostram a necessidade de interagir com o ambiente, tentando animá-lo e chamando a atenção de forma discreta; em contrapartida, quando há o silêncio e concentração, a interpretação do resultado final fica mais objetivo e claro.

Durante a construção e representação sentimental no papel, a orientação espacial e as dimensões da arte devem também ser observadas. As posições que o desenho ocupa no papel e seus tamanhos indicam muitas vezes a definição pessoal em que a criança se encaixa, podendo mostrar uma maior afinidade em busca de conhecimento, experiência pessoal, ansiedade, necessidade de se fazer enxergar. Nessa ótica, Bérdard (1998) coloca que

Na parte superior do papel, a criança não só desenha o sol, a lua e as estrelas; árvores, veículos e outras figuras. O que a criança nos quer fazer entender com isso é que está disposta a adquirir mais conhecimento.

Bérdard (1998, p. 16) aponta que todo espaço do papel representa um traço do indivíduo, inserindo-o numa posição assim como a posição espacial no papel, observando que as situações e necessidades das crianças flutuam e podem apontar, com resultados diversificados, a sua índole.

Dentro da abordagem do *desenho* como forma de comunicação, todas as variáveis devem ser observadas. Diferente das matérias exatas que podem quantificar os dados levantados, no caso da observação do ato de transferir sentimentos e personalidade para o papel, a avaliação qualitativa se torna a mais adequada.

Os traços, as formas utilizadas podem dizer muito sobre o indivíduo que os fez, assim como a caligrafia e o estilo da escrita podem indicar traços da personalidade de alguém, basicamente pode se dizer que isso ocorre, pois, nosso cérebro (morada da personalidade e dos sentimentos) envia, por meio de nossos músculos, descargas elétricas que são transformadas em movimentos e, por fim, transformado em escrita e/ou desenho.

As diferenças de estilo, direção, tamanho e força utilizados ao fazer o traço dá uma visão ampla das características do indivíduo. Diferenças nos tipos de traços podem revelar variações de humor do indivíduo ou até mesmo de seu nível de estresse.

Dentre outras características do *desenho*, apresenta-se a seleção das cores, essas mostram ao avaliador o estado de espírito do indivíduo; assim como uma parede de determinada cor em um restaurante pode nos induzir a comer por conta do estímulo visual, as cores no desenho de uma criança podem demonstrar seu equilíbrio ou desiquilíbrio. Para Bérdard (1998),

Tanto se as cores empregadas forem as apropriadas (o marrom para o tronco de uma árvore e o verde nas folhas) como se forem contra toda a lógica (a água de cor rosa e o sol verde), é necessário manter-se vigilante e prudente.

Todo o processo de *desenho* é um processo intenso para quem o desenvolveu e pode levar a avaliações complexas por parte do profissional. Sendo assim, o desenho deve ter a atenção necessária a fim de diagnosticar de forma correta o indivíduo e seu problemas, tendo, no psicopedagogo, a ponte e as ferramentas adequadas para o desenvolvimento apropriado do atendimento.

**6. CONCLUSÃO**

O *desenho* é uma ferramenta de comunicação utilizada desde os tempos mais longínquos e foi evoluindo junto com a humanidade, sendo hoje usado por psicopedagogos com a finalidade de melhorar a qualidade de vida do aluno e, de mesma forma, melhorar o seu aprendizado, realizando intervenções em pontos problemáticos. Nesse artigo, foi visto que mergulhar no universo abstrato, complexo e interpretativo dos *desenhos* constitui um importante instrumento para que se faça um acompanhamento clínico. Os desenhos expõem sentimentos, vontades e necessidades íntimas do indivíduo que os desenha e isso pode ser utilizado por psicopedagogos. Inicialmente, fez-se necessário demonstrar as atribuições do psicopedagogo e o que tem de observar para reunir informações para alimentar sua análise e, assim, alcança um diagnóstico adequado. Após a etapa inicial, o processo foi destrinchado com a finalidade de identificar as características a serem observadas durante o ato de desenhar, tais como a ergonomia, anatomia e realização do desenho. Foram observados os aspectos de um desenho, passando pela escolha do papel, aproveitamento do espaço, primeiro traço, a forma de colorir. Conclui-se a relevância daquilo que é revelado a partir dos desenhos das crianças sobre seus comportamentos, suas potencialidades, seus sentimentos, um verdadeiro elemento de fundamental importância para o psicopedagogo.

**6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BÉDARD, Nicole.*Como interpretar os desenhos das crianças*. São Paulo: Editora Isis, 2013.

BERTÃO, Candida Cristina & GUIMARÃES, Fabiane Fantacholi. *O desenho como instrumento para diagnósticos psicopedagógicos na educação infantil*. Goiânia: Revista eletrônica de educação da faculdade Araguaia, 2017.

GUILLÉN, Anabel. *Análise do desenho numa perspectiva psicopedagógica*. RS: UNINTER. 2014

OLIVEIRA, Mari Ângela Calderari. *Psicopedagogia: a instituição educacional em foco*. Curitiba: InterSaberes, 2014.

Data de recebimento: 01/09 /2023. Aceito para publicação: 30/10/ 2023.

1. Pós-graduada – Especialista em Psicopedagogia pelo Cenro Universitário Gama e Souza – UNIGAMA. E-mail: alessandra.pity@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Mestra em Filosofia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ e Coordenadora do Núcleo de Apoio Pedagógico - NAP do do Centro Universitário do Rio de Janeiro – UNIRJ. E-mail: luisa.baroni@gmail.com [↑](#footnote-ref-2)